

sindical

mercosul

empresas

correspondência

**PORQUE ESTA EN JUEGO NUESTRO FUTURO.  
PORQUE OTRA AMÉRICA ES POSIBLE.  
SIN LOS PUEBLOS NO HAY ACUERDOS.**

O grande tema da semana foi a ALCA e a 3ª Cúpula Presidencial das Américas. A grande imprensa falou sobre as vantagens do grande mercado que será criado mas não explicou porque os presidentes tiveram que ficar cercados pelo “muro da vergonha” instalado na cidade de Quebec; porque a cada dia se amplia mais a oposição a esse acordo de livre comércio e porque mais de 20 mil manifestantes estavam nas ruas de Quebec manifestando esse repúdio. Os governantes não querem ouvir e nem saber porque sindicalistas e militantes sociais dos mais diferentes setores e países se opõem à ALCA e que alternativas propõem, para que haja uma integração econômica e política entre os países das Américas que promova o desenvolvimento e a melhoria da condição de vida de nossos povos.

Nossa página, [Sindicato Mercosul / Sindicato Mercosur](#), fez um seguimento diário dessa impressionante mobilização continental e para ler agora algumas declarações que basta clicar (*on line*) sobre o logo o lado de cada título



**DECLARACIÓN DE LA SEGUNDA CUMBRE DE LOS PUEBLOS DE LAS AMÉRICAS**



**PLATAFORMA RURAL LATINOAMERICANA FRENTE A LA INTEGRACIÓN**



**DECLARACION DE QUITO**



**TEJIENDO LA RED SOLIDARIA : ACCIÓN FEMINISTA CONTRA LA GLOBALIZACIÓN**



**PRONUNCIAMIENTO DE ORGANIZACIONES E INSTITUCIONES DE CENTRO AMÉRICA, MÉXICO Y EL CARIBE FRENTE AL ALCA Y LA TERCERA CUMBRE DE LAS AMÉRICAS (QUÉBEC)**

**Projeto** Coordenadora de Centrais Sindicais Cone Sul e Fundação Friedrich Ebert  
**Edição** - Consultoria Econômica Social Integrada - CESI

✉ [cesint@uol.com.br](mailto:cesint@uol.com.br)

🌐 <http://www.sindicatomecosul.com.br/>

## MOVIMENTO SINDICAL E TRABALHO

### Cumbre de los Pueblos dice "no al ALCA"

Los delegados a la llamada "cumbre de los pueblos", que se realiza en Quebec en contraposición a la Cumbre de las Américas de 34 jefes de gobierno de todo el continente, emitieron una declaración en la piden "rechazar el proyecto de liberalización del comercio, de las inversiones, de desregulaciones y privatizaciones" que entraría en vigor con la puesta en marcha del área de libre comercio hemisférico.

Los dirigentes antiglobalización afirmaron que el acuerdo del ALCA "se ha venido negociando secretamente entre los jefes de Estado y de gobierno" de las Américas.

Para las agrupaciones sindicales, civiles y ecologistas "el proyecto neoliberal es racista, sexista, injusto y destructor del medio ambiente".

"Nosotros proponemos la construcción de nuevas vías de integración continental basadas en la democracia, la igualdad, la solidaridad, el respeto al medio ambiente y a los derechos humanos", señalaron.

Se espera que 20.000 personas llegarán a la ciudad canadiense de Quebec para llevar a cabo manifestaciones contra la cumbre y contra el ALCA en el espíritu de las protestas de diciembre de 1999 en Seattle, durante la reunión de la Organización Mundial del Comercio.

En el documento de la "Cumbre de los Pueblos", los delegados afirman que "el proyecto del ALCA es un estatuto de derechos y libertades para los inversionistas" que "consagra la supremacía del capital sobre el trabajo".

El discurso crítico de los activistas tiene también reflejo entre las organizaciones sindicales de Estados Unidos, el principal impulsor del ALCA.

Según los líderes gremiales, la creación del área de libre comercio representará el traslado de los puestos de trabajo desde los países más desarrollados hacia aquellos donde la mano de obra es más barata y las legislaciones contra la contaminación más débiles. (*El Mercurio*, 20.04.01) **A "Declaración de la Segunda Cumbre de los Pueblos de las Américas" pode ser encontrada em :** <http://www.sindicatomercosul.com.br/noticias.asp?numero=1212>

### Protestas em Quebec e São Paulo

A 3ª Cúpula das Américas foi inaugurada ontem com um atraso de uma hora e meia devido a violentos protestos protagonizados por manifestantes contrários à globalização da economia. O primeiro ministro canadense, Jean Chrétien, recebeu os 34 presidentes do hemisfério, afirmando que "a democracia e a integração são as palavras chaves desta cúpula". Horas antes, no entanto, as ruas de Quebec foram palco de uma violenta batalha entre manifestantes e policiais.

Os ativistas conseguiram derrubar um muro de arame e concreto, chamado de "muro da vergonha", usado justamente para isolar a sede do encontro. Os incidentes deixaram pelo menos quatro detidos e um policial ferido pelos manifestantes, segundo a polícia, que afirmou ter recuperado o controle do perímetro de segurança.

**Tumulto** - Na capital paulista, as ruas do maior corredor financeiro do país se transformaram ontem em palco de mais um confronto entre manifestantes e policiais. O resultado: vidros de lojas e escritórios quebrados, pessoas feridas (nenhuma gravemente, segundo a polícia) e 57 detenções, por crime contra o patrimônio público e privado, desacato à autoridade e resistência à prisão. Cerca de 500 jovens - punks, anarquistas, ambientalistas, grupos de esquerda, secundaristas e universitários - reuniram-se por volta do meio-dia em frente ao prédio da TV Gazeta, na Avenida Paulista. Pretendiam entregar uma carta de protesto à direção do Banco Central em São Paulo, a uma distância de cinco quadras. Os jovens, aparentando entre 16 e 25 anos, não tinham um líder em comum e protestavam contra a 3ª Cúpula das Américas que se realiza em Quebec, a globalização e o capitalismo.

O confronto direto durou cerca de duas horas. Os jovens ficaram acudados embaixo do prédio do Banco Central e edifícios vizinhos. No início da noite a situação já estava controlada. "O combinado era ser uma manifestação pacífica, se a polícia não tivesse agido ninguém teria se machucado", disse a estudante Teresa, de 20 anos (os jovens não quiseram se identificar).

"Houve uma quebra da normalidade e a polícia teve que agir. A Avenida Paulista não podia ser fechada", afirmou o major Rogério Azzolin (*Jornal do Brasil*, 20.04.01)

### **ONGs vetam modelo da Alca**

As organizações não-governamentais que participaram da Segunda Conferência dos Povos das Américas, em Quebec, rejeitaram o projeto de liberalização comercial e de investimentos, as privatizações e a desregulamentação econômica simbolizados pela criação da Alca. A declaração final da Conferência acusa os governos dos 34 países que formarão a Alca de estarem negociando o projeto em segredo, com o apoio dos empresários. O documento informa que, desde a Cúpula de Miami de 1994, só prosperaram as negociações comerciais, e sugere que a integração das Américas seja feita com base em valores democráticos, e respeito ao ambiente e aos direitos humanos. As ONGs pedem o fim do embargo norte-americano contra Cuba e o fim do Plano Colômbia. Participaram da Conferência dos Povos sindicatos, ambientalistas, organizações de direitos humanos, indígenas, camponeses e estudantes. (*O Globo*, 21.04.01) **A "Declaración de la Segunda Cumbre de los Pueblos de las Americas" pode ser encontrada em :** <http://www.sindicatomercosul.com.br/noticias.asp?numero=1212>

### **ONGs condenam tese sobre investimentos**

#### **Documento da Alca contém proposta dos EUA de superpoderes para multinacionais**

Multinacionais terão poder para processar governos e cobrar indenizações até se tiverem algum tipo de prejuízo em consequência de manifestações de rua. A situação pode se tornar real, se prevalecer na Alca, a Área de Livre Comércio das Américas, a proposta apresentada pelo governo dos Estados Unidos para a política de investimentos. Um relatório de 42 páginas sobre o andamento das discussões, preparado pelo grupo negociador do tema investimento, foi divulgado e discutido na Conferência dos Povos, o principal evento paralelo à 3.ª Cúpula das Américas. O documento foi disponibilizado na Internet por uma organização não-governamental com sede em Minneapolis, nos Estados Unidos, e convertido em assunto central de uma das sessões mais animadas da conferência. (*O Estado de São Paulo*, 20.04.01)

### **Declaração da Fitim sobre a Alca**

O principal item na agenda da 3ª Cúpula das Américas, que acontece em Quebec, no Canadá de 20 a 22 de abril será a continuação das discussões para a criação da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), uma zona que se estenderá do Canadá, no norte ao Chile, no sul. Os 34 chefes de estado e governo participantes do encontro pretendem dar um passo a frente nas conversações sobre a Alca com uma perspectiva de conclusão do acordo em 2005.

A Federação Internacional dos Metalúrgicos, representando 6 milhões de metalúrgicos nas Américas estará presente em Quebec para chamar a atenção para o que se acredita ser a real intenção das conversações da Alca: expandir os direitos das corporações e constranger os poderes dos governos. Numa declaração especialmente preparada para o Encontro, a Fitim diz que acordos de livre comércio aprofundam a pobreza e as desigualdades de renda no interior e entre os países e existe uma ampla evidência que os trabalhadores nas Américas não se beneficiaram das políticas neoliberais. (*CNM Internacional* 10, 18.09.01)

A Declaração da Fitim na sua íntegra ela pode ser baixada em português ou espanhol em formato **pdf** no site da Fitim, em "Publicações" [http://www.imfmetal.org/imf/main/main\\_publications.cfm](http://www.imfmetal.org/imf/main/main_publications.cfm) ou em **html** em português : <http://www.sindicatomercosul.com.br/noticias.asp?numero=1191>, e em espanhol: <http://www.sindicatomercosul.com.br/noticias.asp?numero=1198>

### **Estudo questiona sucesso do Nafta e alerta para Alca**

Na semana em que os presidentes de 34 países das Américas vão se reunir no Canadá, para debater a criação da Alca, um estudo divulgado nos EUA faz revelações nada abonadoras sobre o impacto do Nafta, a zona de livre comércio da América do Norte criada em 94, sobre o mercado de trabalho. O documento responsabiliza o Nafta pelo aumento da desigualdade de renda nos três países, pela supressão de milhares de postos de trabalho nos EUA e no Canadá e pela queda do salário real no México. O estudo "Sete Anos de Nafta: os Impactos sobre os Trabalhadores das Três Nações" derruba alguns mitos disseminados sobre o "sucesso" do bloco e faz advertências aos que querem criar a Alca a qualquer custo. Afirma que o acordo foi criado para beneficiar só investidores e financistas, interessados em produzir a custo menor. "O Nafta foi divulgado como um 'almoço de graça', uma situação 'win-win-win' (em que todos ganham) que deveria agora ser estendida através da Alca", diz Jeff Faux, do Instituto de

Política Econômica, um respeitado centro de estudos de Washington. "Para 'algumas' pessoas, o Nafta tem sido claramente um sucesso." (*Valor Econômico*, 16.04.01) **Veja o estudo acima e outros documentos em:** <http://www.epinet.org/briefingpapers/nafta01/index.html>

### **Los "Sin Tierra" cortaron un puente con Argentina**

Más de 2.000 campesinos brasileños del Movimiento de los Sin Tierra (MST) cortaban, al cierre de esta edición, la circulación en el puente internacional que une Uruguayana con la ciudad argentina de Paso de los Libres, en la provincia de Corrientes.

La protesta forma parte de los actos por el "Día internacional de lucha campesina", con que el MST recuerda el quinto aniversario de la muerte de 19 agricultores masa crados por la policía en el estado de Pará, en el norte brasileño.

Los manifestantes impedían la entrada a Brasil de camiones que transportan mercaderías importadas. Argumentan que "los productos de los pequeños campesinos están pudriéndose almacenados o son vendidos a un precio menor al costo de producción debido a la cruel competencia de los bienes importados", según el líder de los movimientos de pequeños agricultores, Gilberto Tuhtenhagen.

La policía caminera negociaba con los campesinos para intentar reanudar la circulación.

El 17 de abril de 1996 un grupo de campesinos bloqueó una ruta en la ciudad de Eldorado dos Carajás, en Pará, para protestar por la lentitud de la reforma agraria. La policía militar fue movilizada para desalojarlos pero terminó provocando una matanza: 19 campesinos murieron y 69 fueron heridos.

Según el MST, el 17 de abril se convirtió para los campesinos que piden una reforma agraria en su día internacional de lucha.

En Pará será celebrada una misa en recuerdo de las 19 víctimas y se realizará una marcha hacia el tribunal de justicia del Estado, para pedir que se juzgue a los 153 policías que participaron del hecho.

En agosto de 1999, el proceso contra los 153 oficiales acusados tuvo que ser suspendido, después de que tres policías fueron absueltos y se comprobaron irregularidades en la actuación de algunos miembros del jurado. (*Clarín*, 18.04.01)

### **Sem-terra bloquearam a Ponte Internacional durante 13 horas**

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) bloqueou ontem, durante 13 horas, a Ponte Internacional, que liga Uruguiana a Paso de los Libres, na Argentina. O ato foi o mais tenso entre as manifestações que marcaram em todo o país os cinco anos do massacre de Eldorado do Carajás, o assassinato de 19 sem-terra por PMs do Pará. O presidente Fernando Henrique Cardoso determinou ao ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, Alberto Cardoso, que fossem tomadas as medidas necessárias para desobstruir a ponte. O impasse acabou resolvido sem a necessidade de intervenção federal. Foi um dos poucos incidentes de um dia de muitos protestos. O MST adotou a cautela, diante do temor da reprovação da opinião pública. (*Zero hora*, 18.04.01)

### **Fronteira bloqueada em SC**

Integrantes do MST fecharam ontem, por seis horas, a principal via de acesso entre Santa Catarina e a Argentina. Os sem-terra impediram o tráfego na alfândega de Dionísio Cerqueira na fronteira com a cidade argentina de Bernardo Irigoyen. Ontem, manifestantes bloquearam por 13h uma ponte em Uruguiana (RS). De acordo com a PF, 600 pessoas impediram o tráfego de caminhões e carros que queriam atravessar a fronteira. Cerca de cem policiais militares e 15 agentes federais estavam no local para evitar a invasão de prédios públicos. Uma reunião entre a polícia e os líderes dos sem-terra pôs fim, às 17h, ao bloqueio. (*Correio Braziliense*, 19.04.01)

### **MST desocupa área da ponte internacional em Uruguiana**

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) desocupou, no final da tarde de ontem, a área da ponte internacional que liga Uruguiana a Paso de los Libres, na Argentina. Em Brasília, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) suspendeu, por tempo indeterminado, as negociações com o MST. Representantes do governo e do movimento se reuniram ontem em Brasília para discutir as reivindicações nacionais dos sem-terra, que incluem aumento de crédito para assentados e questões de saúde e educação. O motivo para a

suspensão do encontro, segundo o Incra, é a atitude do MST, que teria mantido funcionários do Incra em cárcere privado durante manifestação em frente ao prédio do órgão em Cuiabá (MT). Para o dirigente nacional do MST, Delwek Matheus, a alegação seria uma desculpa do governo para não negociar. (*Zero Hora, 20.04.01*)

### **La CIOSL insta a los gobiernos a poner término a la esclavitud infantil**

A raíz de lo ocurrido en Benin, donde un barco que habría transportado 250 niños esclavos llegó a salvo al puerto de Cotonú, la Confederación Internacional de Organizaciones Sindicales Libres instó a sus afiliadas de África occidental a intensificar la presión sobre sus gobiernos para poner término a la esclavitud infantil. El llamamiento se hizo cuando la CIOSL acababa de lanzar una nueva campaña mundial para erradicar el trabajo infantil.

La CIOSL y su organización regional africana, ORAF, han aplaudido la decisión del gobierno de Benin de efectuar una investigación del incidente y verificar si el barco transportaba o no centenares de niños esclavos. Sea cual fuere el resultado de esa investigación, la CIOSL señala que el suceso sirvió para poner de relieve un problema muy real en el que, según el UNICEF, están implicados anualmente alrededor de 200.000 chicos de África occidental y central.

“ Nos preocupan profundamente lo terrible de que se obligue a trabajar a niños contra su voluntad. Los gobiernos y los empleadores deben evitar que se secuestre o venda a niños para trabajar en plantaciones o en cualquier otro lugar. Éste es precisamente el tipo de explotación que se busca eliminar con el Convenio N°. 182 de la OIT sobre las peores formas de trabajo infantil. Los Estados Miembros deben aplicarlo para proteger a los niños, tan débiles y tan explotados, a quienes se vende como esclavos y a costa de quienes se están haciendo enormes ganancias” , dijo Bill Jordan, Secretario General de la CIOSL.

La campaña mundial de la CIOSL para erradicar el trabajo infantil fue lanzada el 30 de marzo, implicando todos los niveles del movimiento sindical y de organizaciones no gubernamentales afines. Equipos de la campaña trabajarán en los cinco continentes en estrecha colaboración con la OIT y las ONG y forjarán alianzas con las comunidades para combatir el trabajo infantil. En África, la CIOSL ha instado a sus afiliadas a intensificar la presión sobre sus gobiernos para que éstos ratifiquen y apliquen el Convenio N°. 182 de la OIT.

La CIOSL ha instado a los gobiernos de Benin, Gabón, Níger y Côte d' Ivoire a tomar medidas inmediatas, como por ejemplo aumentar las inspecciones en las plantaciones de algodón y cacao para verificar que no haya en ellas trabajo infantil. La CIOSL ha recibido informes de gobiernos que ya están respondiendo al llamamiento de la comunidad internacional, como el de Côte d' Ivoire, donde ya hay en el parlamento legislación para prohibir el trabajo infantil.

Quienquiera que desee respaldar la campaña contra el trabajo infantil puede hacerlo firmando la petición que figura en : <http://www.icftu.org/petition.asp?Name=childlabour> (*CIOSL Enlínea, 19.04.01*)

**ALCA**

### **Olívio diz que Alca é o fim do Mercosul**

O governo gaúcho avalia que a concretização da Área de Livre Comércio das Américas (Alca) representa o fim do Mercado Comum do Sul (Mercosul). O primeiro relatório produzido pela comissão especial formada para discutir a integração continental afirma que o bloco regional perderia o sentido com o fim das vantagens que a Tarifa Externa Comum (TEC) assegura às empresas dos países-membros. Ao apresentar o relatório, o governador Olívio Dutra comentou que a transparência prometida na reunião ministerial de Buenos Aires não satisfaz. Por isso, enviou ofício ao Ministério de Relações Exteriores propondo a criação de uma instância que reúna representantes dos governos estaduais para acompanhar as negociações.

Segundo Olívio, a destituição do embaixador Samuel Pinheiro Guimarães da direção do Instituto de Pesquisas de Relações Internacionais (Ipri) do Itamaraty "inquieta" o Estado, por revelar que há, no governo federal, discrepância entre as declarações de cautela dadas pelas autoridades e as atitudes, que demonstram aceitação do ritmo mais rápido desejado pelos

EUA. Guimarães criticou o processo de formação da Alca. Argumentou que o Brasil perderia condições de definir a estratégia de comércio exterior. Ontem à tarde, o Piratini recebeu fax do ministro de Relações Exteriores, Celso Lafer, em resposta a correspondência de 22 de março, solicitando informações oficiais. Lafer elogiou a comissão, mas citou a decisão de divulgar documentos só após a reunião de Quebec e sugeriu o endereço do ministério na Internet ([www.mre.gov.br](http://www.mre.gov.br)) como fonte de informação. (*Zero Hora*, 16.04.01)

### **Empresários pediram participação direta, mas não conseguiram**

Não é somente o governo gaúcho que está descontente com o acesso às negociações para a formação da Área de Livre Comércio das Américas (Alca). Os empresários brasileiros tentaram sem sucesso a integração ao grupo de negociadores oficiais do governo federal, relatou ontem o vice-presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI) Dagoberto Lima Godoy. Conforme Godoy, a CNI enviou correspondência ao Itamaraty argumentando que, embora tivesse havido avanços na participação dos representantes da iniciativa privada no processo, esse progresso ainda não era considerado suficiente. Na carta, foi reclamada isonomia de condições com "países sul-americanos" que incluíam empresários na delegação oficial, na condição de observadores. – "Continuamos na mesma. Recebemos resposta muito educada do Itamaraty, informando que a cooperação era muito bem-vinda, mas que as circunstâncias e o protocolo não permitiam participação mais direta. Segundo a informação oficial, a presença de empresários em outras delegações era dissimulada" – contou o vice-presidente da CNI. Mesmo assim, ressaltou Godoy, existe grande "sintonia" entre os negociadores do governo e a representação empresarial, embora falte quebrar a barreira formal da cooperação entre os dois setores. (*Zero Hora*, 16.04.01)

### **Comunidad Andina pide trato especial en el ALCA**

La Comunidad Andina de Naciones (CAN) asistirá a la III Cumbre de las Américas, en Quebec, Canadá, con el objetivo de lograr un trato especial para aquellas economías con menor nivel de desarrollo e intentar acuerdos equilibrados y comprensivos, según voceros de la organización.

En el ministerio peruano de Industria e Integración se sostiene que ese trato especial implicaría reconocer que no a todas las economías se les debe tratar de la misma forma, ya que no cuentan con el mismo nivel de desarrollo.

"Las naciones grandes como Estados Unidos y Brasil, en esta parte del hemisferio, saben que ésta es una de las condiciones básicas de economías como la peruana para que la negociación sea equilibrada y beneficie a todos los países", añadió el informante.

La CAN, en la declaración de Buenos Aires, reiteró su compromiso de evitar, en la medida de lo posible, "la adopción de políticas o medidas que puedan afectar negativamente el comercio y la inversión regional y la imposición de barreras comerciales adicionales a países fuera del hemisferio". (*La Nacion*, 15.04.01)

### **Campo terá avanço tímido**

O chefe do Departamento Econômico do Ministério das Relações Exteriores, Valdemar Carneiro Leão, considerou ontem reduzidas as chances do Brasil de obter concessões significativas dos Estados Unidos na área agrícola, durante as negociações para formação da Área de Livre-Comércio das Américas (Alca). "Em determinados assuntos, como a agricultura, só é possível encontrar soluções efetivas no ambiente multilateral", disse Carneiro Leão. Para ele, não interessaria aos Estados Unidos abrir mão de subsídios e instrumentos de proteção disponíveis aos seus agricultores sem que a União Européia fizesse igual. O mesmo argumento se aplicaria para as negociações comerciais entre o Mercosul e a União Européia. Essa foi uma das razões expostas por Carneiro Leão ontem, durante um seminário em São Paulo, para explicar por que o Brasil tem interesse no lançamento de uma nova rodada de negociações pela Organização Mundial do Comércio. Depois do fracasso da reunião de 1999 em Seattle, nos Estados Unidos, a OMC fará uma nova tentativa de lançar a rodada em novembro, no Qatar. (*Valor Econômico*, 18.04.01)

### **Alca: trabalho e meio ambiente ficarão de fora**

Um acerto entre as principais delegações que participarão da Cúpula das Américas, em Quebec, garantiu outra vitória para o Mercosul: deverão ser excluídas do Plano de Ação a ser assinado pelos 34 presidentes e chefes de Estado do hemisfério temas ambientais e trabalhistas. O Brasil estava especialmente preocupado com o risco de que esses pontos

incluídos no esboço do que será a Área de Livre Comércio das Américas (Alca) fossem usados como pretexto para a imposição de sanções comerciais e trabalhistas a países em desenvolvimento. Para que não haja a inclusão, o presidente Fernando Henrique intercedeu diretamente junto às autoridades canadenses e americanas. Segundo negociadores brasileiros, tudo indica que haverá consenso, no encontro que será realizado de 20 a 22 deste mês, em Quebec, de que esses assuntos devem ser discutidos em fóruns apropriados, e não no âmbito da Alca. O Brasil pode se considerar duplamente vitorioso. O presidente dos EUA, George W. Bush, deixou claro ontem que já abriu mão de antecipar para 2003 o fim das negociações para a criação da Área de Livre Comércio das Américas (Alca), aceitando a posição que o Brasil vinha defendendo: manter o prazo original (2005). (*O Globo*, 18.04.01)

### **Cúpula admite que não é relevante**

Mesmo embrulhada na sempre cautelosa linguagem diplomática, a Declaração de Québec, o documento final da Cúpula das Américas, reconhece a sua relativa irrelevância para o cotidiano das sociedades americanas. Diz o parágrafo 4º dos 34 que compõem a declaração: "Nós (os chefes de Estado e de governo) estamos conscientes de que há ainda muito por alcançar para que o processo de Cúpula das Américas seja relevante para a vida diária de nossos povos e contribua para seu bem-estar". É um raro momento de realismo no texto que os 34 governantes assinarão e divulgarão no domingo, ao fim de três dias de deliberações. No mais, trata-se de um formidável compêndio de retórica e platitudes como a do parágrafo 2º: "Nós reiteramos nosso firme compromisso e adesão aos princípios e propósito das Cartas das Nações Unidas e da Organização dos Estados Americanos". Ninguém precisaria se dar ao trabalho de se deslocar a Québec apenas para afirmar que vai cumprir o que seus respectivos Estados assinaram já faz tempo. A única novidade no texto é a chamada cláusula democrática, conforme a Folha antecipou no domingo. Mas de lá para cá, a cláusula ficou mais forte. (*Folha de São Paulo*, 20.04.01)

## MERCOSUL

### **Cavallo diz que TEC é 'palhaçada'**

O ministro da Economia da Argentina, Domingo Cavallo, classificou ontem de "palhaçada" a existência da Tarifa Externa Comum (TEC), que, segundo ele, acaba impedindo que o Mercosul seja uma área de livre comércio. Ao explicar a empresários e banqueiros brasileiros o novo plano econômico que está sendo implementado na Argentina, Cavallo abriu nova polêmica: defendeu a inclusão de produtos de informática e telecomunicações como bens de capital. Recentemente, a Argentina criou um conflito comercial com o Brasil quando anunciou a isenção das tarifas que incidem sobre a importação de bens de capital; com isso, os produtos brasileiros perderiam competitividade em relação aos similares europeus e norte-americanos. (*Jornal do Brasil*, 19.04.01)

### **Itamaraty diz estranhar declarações**

Em nota oficial divulgada no final da tarde de ontem, o Itamaraty diz que recebeu "com estranheza" as declarações feitas pelo ministro da Economia da Argentina, Domingo Cavallo, em São Paulo. O governo brasileiro considera, segundo a nota, que o Mercosul "constitui um patrimônio importantíssimo dos seus sócios e que a união aduaneira, assim como seu instrumento essencial, a Tarifa Externa Comum, são elementos indissociáveis do empreendimento". (*Valor econômico*, 19.04.01)

### **Cavallo diz preferir acordo bilateral com EUA**

O ministro da Economia argentino, Domingo Cavallo, disse ontem, em entrevista ao jornal britânico Financial Times, que pessoalmente prefere que a Argentina estabeleça uma negociação bilateral com os Estados Unidos. Cavallo declarou, no entanto, que o governo argentino vai continuar sua política de negociação por meio do Mercosul, pelo menos por enquanto. O ministro argentino sugeriu que estaria inclinado a contornar a resistência do Brasil à Área de Livre Comércio das Américas (Alca). "Pessoalmente, eu acho que é necessário usar todas as rotas de negociação; prefiro a rota multilateral, ou em segundo lugar, a regional", disse Cavallo ao jornal. "Eu tenho o meu ponto de vista, mas agora sou ministro da Economia

e obediente membro do governo do presidente Fernando de la Rúa. E, no momento, vamos negociar apenas no Mercosul." O assessor de imprensa de Cavallo, Albino Gomez, disse que, apesar de ser uma opinião pessoal, o ministro "logisticamente" vai tentar influenciar a posição do governo brasileiro.

### **'Acordo bilateral com os EUA não tem como sair'**

Se o Brasil recebesse um convite dos Estados Unidos para discutir um acordo bilateral, não se recusaria a negociar, disse o subsecretário do Itamaraty para Assuntos Comerciais, Econômicos e de Integração, embaixador José Alfredo Graça Lima. "Não há por que recusar uma negociação", acrescentou. "Os Estados Unidos, no entanto, não têm nada substancial para oferecer, nem ao Brasil, nem à Argentina", completou o diplomata. Com esses comentários, Graça Lima negou importância às freqüentes declarações, ouvidas tanto na Argentina quanto nos Estados Unidos, sobre iniciativas de acordos bilaterais com os americanos. O caso do Chile, segundo o embaixador, é isolado, porque o assunto vem sendo examinado há muito tempo. Mesmo assim, o governo do presidente Bill Clinton levou oito anos para responder à proposta chilena e uma solução, se ocorrer, ainda consumirá algum tempo, e dependerá de apoio do Congresso americano. (*O Estado de São Paulo*, 20.04.01)

### **Brasil propone un acuerdo Mercosur-EE.UU.**

El gobierno brasileño prestó atención a la sugerencia de Domingo Cavallo quien, la semana pasada, planteó una negociación de libre comercio de Brasil y Argentina con Estados Unidos. Sólo que en Itamaraty (la Cancillería de este país) reemplazan la primera parte de la ecuación con el Mercosur.

Según el ministro de Relaciones Exteriores, Celso Lafer, su país ve con buenos ojos una iniciativa "de esa naturaleza, si llega a tomar cuerpo, pero que se realice bajo la forma de una negociación 4 más 1". Para el ministro, Brasil está comprometido primero con el Mercosur y, por lógica, no puede segregarse a los otros dos socios, Uruguay y Paraguay.

Esta idea de resucitar un eventual acuerdo del Mercosur con EE.UU. tiene relación con el desánimo que empieza a primar entre los actores del futuro ALCA (Asociación de Libre Comercio de América).

Brasil actúa de hecho como si la cumbre presidencial de la Asociación de Libre Comercio de América de Quebec (fecha para el próximo fin de semana) estuviera virtualmente vacía de contenidos. Y ubica los beneficios de esa mega reunión en otra parte. Lafer destacó un encuentro que habrá entre Brasil, Argentina, Chile y México. Los gobiernos de Cardoso y de Vicente Fox cerrarán, dentro de un mes, un tratado de liberalización comercial binacional (Argentina tiene otro similar). "Y en poco tiempo más, ese convenio estará incluido dentro de otro mayor, que es el de Mercosur con México", confirmó Lafer. Para el canciller "representa la búsqueda de cada país de conseguir acceso a los mercados mundiales, para tener una presencia más amplia en el comercio". (*Clarín*, 18.04.01)

### **Para presidente do Chile, lei antidumping dos EUA é obstáculo a acordos**

Após anunciar ontem que deve concluir até dezembro deste ano um acordo bilateral entre seu país e os EUA, o presidente do Chile, Ricardo Lagos, reconheceu que há problemas para fechar o acordo. "Nosso objetivo é concluir as negociações em dezembro, mas é preciso ver se as negociações caminham com a velocidade desejada e cheguem a um texto satisfatório para nós", disse ele após encontro com o presidente dos EUA, George W. Bush. Para Lagos, a lei antidumping norte-americana é hoje o maior obstáculo não só para o acordo bilateral entre os dois países, mas também para que um acordo sobre a Alca seja atingido. Ele disse que criticará "duramente" essa lei na Cúpula de Québec, no Canadá. (*Folha de São Paulo*, 17.04.01)

### **Bush afirmou que habrá acuerdo con Chile antes de fin de año**

El presidente de Estados Unidos, George W. Bush, afirmó estar convencido de que el tratado de libre comercio con Chile estará firmado "antes de fin de año". Pero para lograrlo, antes, el Congreso estadounidense debería aprobar el mecanismo de "fast track" o trámite rápido de negociación. Bush, quien se reunió ayer en la Casa Blanca con su colega chileno, Ricardo Lagos, dijo que un acuerdo de libre comercio con el país sudamericano entra dentro "de los mejores intereses nacionales" de Estados Unidos.

"Chile es un país remarcable (...) cuya fuerte democracia demostró a los habitantes de este hemisferio la importancia de la vigencia de las leyes", dijo Bush y prometió a Lagos seguir

trabajando para obtener del Congreso la garantía del "fast track" o trámite rápido para aprobar el acuerdo de libre comercio entre ambos países.

A través del mecanismo del "fast track", el Congreso le asegura al ejecutivo votar los proyectos de ley —en este caso el acuerdo de libre comercio con Chile— como un paquete completo, sin entrar en revisiones punto por punto.

Bush también defendió el proyecto de venta de una flota de aviones F-16. "Chile es una nación pacífica", afirmó ante la prensa y anunció que su gobierno atenderá todos los pedidos en este sentido de los "gobiernos amigos". (*Clarín*, 17.04.01)

### Mercosul negocia serviços na OMC

O Mercosul (Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai) submeterá esta semana aos outros países na Organização Mundial do Comércio (OMC) sua primeira proposta nas negociações do comércio internacional de serviços. Defende a liberalização completa na área de distribuição, que cobre todo o comércio de atacado e varejo, desde soja até automóveis ou brinquedos. O bloco do Cone Sul quer pôr fim às 'exclusões' de produtos na União Européia, Japão, Coréia do Sul, Suíça, Canadá e Noruega e outros países industrializados. Nos compromissos assumidos na Rodada Uruguai (1986-1994), esses países engajaram-se a abrir o setor de distribuição, mas ao mesmo tempo fecharam a porta para vários produtos, justamente commodities agrícolas e alimentos processados, além de têxteis e calçados. (*Gazeta Mercantil*, 12.04.01)

### Empresários temem tarifa zero para informática prevista pela OMC

Os empresários do setor de bens de informática e telecomunicações do País estão atentos aos rumos das negociações do Brasil nos acordos internacionais. Além da redução antecipada da Tarifa Externa Comum para bens de informática no Mercosul, um debate aceito pelo governo brasileiro a pedido da Argentina e que desagradou alguns executivos, o setor teme ainda a posição brasileira num assunto mais delicado, o Information Technology Agreement, ou Acordo Internacional de Tecnologia (AIT). (*O Estado de São Paulo*, 18.04.01)

### No mundo, 191 acordos regionais

A criação da Área de Livre Comércio das Américas (Alca) segue a tendência. O mundo está cada vez mais fragmentado em acordos regionais de comércio: eles são agora 191, em comparação com os 40 de dez anos atrás, revela a Organização Mundial do Comércio (OMC). Estudo dos economistas Sam Laird e Jo-Ann Crawford, da OMC, confirma que a onda de novos acordos cai na esfera de influência dos Estados Unidos e da União Européia (UE), ampliando o espectro de megablocos comerciais. As duas locomotivas fazem 40% do comércio global e todo mundo quer ter acesso a seus mercados. Na primeira versão de seu trabalho, no ano passado, Laird e Crawford davam conta de 102 pactos de livre comércio. Revisaram os dados com base em novas notificações fornecidas pelos países à OMC. Os 191 acordos não consideram outros que não foram ainda informados à organização. (*Gazeta Mercantil*, 20.04.01)

## EMPRESAS E SETORES

### Se multiplicaron los cierres de fábricas

Desde el inicio del gobierno de Fernando de la Rúa, en diciembre de 1999, hasta hoy se reiteraron las noticias de reconocidas compañías nacionales y extranjeras que abandonaban la Argentina o algunas de sus líneas de producción local. Un relevamiento contabilizó más de 30 fábricas de renombre cerradas y por lo menos 3000 despidos en ese período en que el estancamiento se prolongó hasta cumplir ya 34 meses. Y sin contar las Pyme.

Figuran en el listado desde alimentarias y autopartistas hasta textiles y frigoríficos, tales como: Nestlé, Estrada, Unilever, Zanella, Philips, Lheritier, DaimlerChrysler y Baesa Algunas multinacionales hicieron sus valijas y ahora sólo importan. Tales son los casos de Wella, Gillette, New Balance, Adams y Goodyear. Otras trasladaron determinadas líneas productivas.

La angloholandesa Unilever concentró determinadas líneas de artículos en la Argentina y mudó las de puré de tomates y helados a la mayor economía latinoamericana. El cuadro se repitió en la holandesa Philips, cuyas lámparas ya no llevan el rótulo *Industria Argentina*. Las autopartistas resultaron las que más cruzaron la frontera. Sin dejar la Argentina, Delphi Packard y Valeo Neiman bajaron persianas, mientras que Orvet empezó a fabricar acoplados en Curitiba. La fabricante de radiadores Valeo Térmico cambió su domicilio a Brasil. Frenos Varga, Sidertec y Tecnopres se limitaron a frenar sus máquinas. Mientras, se suceden las suspensiones en las automotrices, como la reciente de 650 empleados de Renault.

Empresas nacionales y extranjeras cerraron algunas plantas para concentrarse en otras dentro del país. Por caso, Baesa (embotelladora de Pepsi, del grupo Bemberg) y American Plast (de envases plásticos, con capitales brasileños y argentinos).

La recesión derrumbó industrias. También se frustraron las exportaciones de carne por el rebrote de aftosa, lo que condujo a la suspensión de 2300 trabajadores.

Algunos economistas coinciden en que uno de los motivos de los cierres radica en que empresas internacionales discontinúan la fabricación local o una línea de producción por su reestructuración global. Por ejemplo, Gillette o la germano-estadounidense Daimler-Chrysler, que cesó sus actividades en Córdoba, pero sigue en González Catán.

La pregunta radica en por qué, a la hora de decidir recortes en el nivel mundial, numerosas multinacionales piensan en la Argentina, en cambio, Brasil atrae por su mayor mercado interno, las ventajas para operar en toda América del Sur, los menores costos y los fuertes estímulos de sus Estados a la industria.

El vicepresidente de la UIA, Ignacio de Mendiguren, dice que la Argentina sufre un problema de competitividad. Aplaude que el titular de Economía, Domingo Cavallo, apunte a reducir en un 20% los costos mediante futuras rebajas tributarias y la suba de aranceles al 35% para productos de consumo masivo. El industrial, no obstante, reclama medidas que recuperen el consumo, como el seguro de desempleo que el Gobierno anunció. (La Nación, abril de 2001).

### Acordo com México será acanhado

O governo brasileiro envia nos próximos dias ao Ministério da Economia mexicano a proposta final para o acordo bilateral de preferências tarifárias. O documento englobará aproximadamente 700 itens e só depende da aprovação dos ministérios da Agricultura e do Desenvolvimento. As duas pastas são responsáveis pela análise de setores considerados sensíveis para os mercados dos países. Enquanto o México restringirá a entrada de produtos agrícolas brasileiros, o Brasil deve colocar ao menos parte dos produtos químicos na lista de itens que ficarão fora do acordo. O setor químico que pretende intensificar as exportações, tem um déficit crescente e, em 2000, atingiu US\$ 6,6 bilhões. Fontes do México comentam que, se produtos desse segmento forem colocados na lista de exceção, o acordo bilateral - que vigorará inicialmente por dois anos - não perde sentido, mas fica muito limitado. "Desse jeito, torna-se mais uma mensagem política do que uma vantagem comercial de curto prazo", diz um diplomata. "Já abrimos mão de muitos pontos." (Valor Econômico, 20.04.01)

### Buenos Aires inicia un boicot contra productos europeos

El boicot que los empleados de la Aduana de Buenos Aires supuestamente comenzaron ayer contra las importaciones de productos europeos, con excepción de las medicinas, no había provocado ningún inconveniente ni demoras en los trámites habituales para el ingreso de mercancías al menos hasta primera hora de la tarde. La medida, impulsada por la Sociedad Rural Argentina (SRA) en represalia contra la decisión de la Unión Europea de suspender temporalmente la importación de carnes argentinas debido al rebrote de la fiebre aftosa y a los focos infecciosos detectados en distintas zonas ganaderas del país, cuenta con el apoyo de la Unión del Personal Civil de la Nación (PCN) y del Sindicato Único del Personal de Aduanas.

Un alto cargo de la Aduana confirmó ayer a EL PAÍS que "por ahora no hay nada, ni una protesta, ni una queja, ningún problema". El boicot es, en términos sindicales, una medida de fuerza comparable al llamado "trabajo a reglamento" y obliga a los empleados a cumplir estrictamente con las normas y resoluciones internas. (El País, 17.04.01)

## Siderúrgicas se preparam para a Alca

A siderurgia brasileira não parece disposta a desistir de aumentar sua participação no mercado norte-americano, apesar da posição anunciada pelas autoridades dos Estados Unidos, durante as negociações em torno da Alca, em Buenos Aires, de não alterar as suas atuais leis antidumping, principal instrumento restritivo às exportações brasileiras de aço. Os Estados Unidos, apesar de todas as barreiras impostas aos competidores internacionais, ainda são o mercado mais importante para a siderurgia brasileira, consumindo quase um terço de todo o aço colocado no mercado externo. (*Gazeta Mercantil, 12.04.01*)

## Bens de consumo em compasso de espera

O presidente da Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação (Abia), Edmundo Klotz, reconhece que a elevação das alíquotas para a importação de alimentos provenientes de terceiros países (elas variam de 22 a 35%) tende a favorecer o setor, já que os produtos brasileiros ficam com preços mais baratos. Mas ressalva: 'Teoricamente, as nossas vendas vão melhorar, mas não há garantia disso, porque a Argentina está atravessando uma crise sem precedentes.' No ano passado, o Brasil exportou US\$ 7,6 bilhões em alimentos industrializados. A Argentina comprou, em 1999, US\$ 176 milhões, com destaque para carnes, suco de frutas e derivados de cacau. (*Gazeta Mercantil, 12.04.01*)

## Argentina perde terreno para México em carros

Vendas para o país da América do Norte podem superar as destinadas ao vizinho

Brasil e Argentina, tradicionais parceiros de negócios, estão se distanciando cada vez mais. As medidas protecionistas que estão sendo adotadas pelo país vizinho e a decisão de ter uma moeda vinculada ao dólar e ao euro vão acelerar uma mudança já em curso, em que a Argentina perde a condição de principal cliente do Brasil e vice-versa. No segmento de automóveis, o sucessor já foi eleito: o México deve ocupar ainda este ano a posição de maior mercado para a indústria brasileira. Em 1990, a Argentina respondia por 19% das exportações de carros brasileiros e, em 1994, atingiu o pico de 70% de participação. Em 1997, ano recorde em produção para as montadoras locais, metade das vendas externas teve como destino o mercado vizinho. Nesse período, os mexicanos quase nem apareciam na estatística. Há dez anos, só seis veículos foram comprados pelo México (*O Estado de São Paulo, 18.04.01*)

## Petrobras ameaçada na Bolívia

A Bolívia enviou tropas do Exército e da polícia para a cidade de Yacuiba, fronteira com a Argentina, a 1.315 km ao sul de La Paz, onde uma organização tenta tomar o controle das jazidas de gás de San Alberto, que é explorada pela Petrobras e pela filial da francesa Total Exploration. O presidente Hugo Banzer determinou o deslocamento de tropas depois que o comitê cívico de Yacuiba, que pede a administração autônoma de US\$ 370 milhões provenientes da receita gerada pela exploração de gás natural e petróleo, convocou uma greve para hoje. O conflito de Yacuiba, cidade encravada no extremo meridional boliviano onde foram descobertos os mais promissores blocos de gás do país, soma-se a uma grave crise social que atinge a Bolívia. (*Jornal de Brasília, 19.04.01*)

## NOTAS E CORRESPONDÊNCIAS

### O inimigo número 1 da Alca

À medida que a sociedade começa a debater e a compreender as conseqüências da Alca para a soberania brasileira ela pode chegar, com tranqüilidade e maturidade, à conclusão de que não deve o Brasil participar da Alca

Samuel Pinheiro Guimarães, 61 anos, dedicou mais de metade da sua vida à diplomacia. Diretor do Instituto de Pesquisas em Relações Internacionais (Ipri) do Itamaraty até a semana passada, ele foi demitido do cargo pelo ministro das Relações Exteriores, Celso Lafer. O

motivo: as repetidas e enfáticas críticas contra a entrada do Brasil na Área de Livre Comércio das Américas (Alca). O embaixador tem a certeza — e os argumentos para sustentá-la — de que o projeto continental é uma péssima escolha para o país. “O Brasil não deve participar de blocos econômicos em condições de extrema assimetria desfavorável”, sentencia Guimarães em entrevista à repórter Sandra Lefcovich, do Correio Braziliense. “Sofremos o grave risco de incorporação subordinada e assimétrica ao sistema econômico (e político) dos EUA”. (O embaixador deu uma entrevista ao jornal Correio Braziliense de 19.04.01)

A entrevista, um artigo do embaixador e comentários sobre sua demissão podem ser encontrados em: <http://www.sindicatomercosul.com.br/noticias.asp?numero=1213>

### [Organizaciones Comunitarias del Mercosur analizan Foro Social Mundial](#)

La globalización, el neoliberalismo y la experiencia del Foro Social Mundial realizado en enero pasado en Porto Alegre, Brasil, serán algunos de los temas que se tratan en el 5º Encuentro de la Red de Organizaciones Comunitarias y Sociales del Mercosur. El foro se inició ayer y continuará hoy en el local de Betania, parroquia Domingo Savio, de la ciudad de Fernando de la Mora.

Del encuentro participan 18 representantes del Uruguay, 15 de Argentina y 20 de nuestro país, provenientes de organizaciones no gubernamentales que trabajan en el área rural, indígena y niñez, así como dirigentes de base de diversos sectores populares en general.

Uno de los objetivos es formalizar la red, que viene funcionando desde hace tres años con sucesivos encuentros en cada uno de los países integrantes. Sus objetivos son consolidar un espacio regional de representación de las organizaciones comunitarias e influir en las políticas de organismos supranacionales de la región en temas vinculados con la problemática social. (ABC digital- 22/04/2201)

